

TRAUMAS E ADOÇÕES COMENTÁRIOS AO FILME *O VIOLINO DE MEU PAI*

Gina Khafif Levinzon,¹ São Paulo

ginalevinzon@gmail.com

Resumo

Aspectos relativos a temas como trauma, adoção e orfandade são abordados neste trabalho com base na análise do filme *O violino de meu pai*. A história de uma menina órfã e de seu tio, também órfão a seu modo, é desenvolvida numa trama viva e emocionante. Podemos observar como a adoção mútua entre os personagens se constrói paulatinamente e permite que defesas maníacas intensas possam ser substituídas por elos afetivos profundos.

Palavras-chave: trauma, adoção, orfandade, defesas maníacas

Traumas and adoptions – Comments on the movie *My father's violin*

Abstract: Aspects related to themes such as trauma, adoption and orphanhood are addressed in this paper based on the analysis of the film *My father's violin*. The story of an orphan girl and her uncle, also an orphan in his own way, is developed in a lively and exciting plot. We can observe how the mutual adoption between the characters builds gradually and allows intense manic defenses to be replaced by deep affective links.

Keywords: trauma, adoption, orphanhood, manic defenses

A noção de trauma é um dos elementos centrais no estudo do psiquismo humano e de suas perturbações. Moore e Fine (1992) o definem como “ruptura ou colapso que ocorrem quando se apresentam subitamente ao aparelho psíquico estímulos (provindos quer de dentro, quer de fora) poderosos demais para que com eles lide ou que sejam assimilados da maneira usual” (p. 215). Nesses casos o escudo protetor do sujeito é rompido, e o ego perde sua capacidade de mediação. O resultado disso para o indivíduo vai depender do que Freud (1916/1980) denominou Séries Complementares, ou seja, da inter-relação entre sua constituição genética e a adequação do seu ambiente. Pode haver um estado de desamparo de magnitude diversa para cada pessoa, assim como o uso de defesas psíquicas poderosas para lidar com a dor e o impacto do abalo. Em

1 Psicanalista, doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP), membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), coordenadora do Grupo de Estudos sobre Adoção e Parentalidades da SBPSP, professora do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Prof. Ryad Simon (CEPSI).

certos casos os traumas não se limitam a ocorrências pontuais, mas a estados continuados de invasão ambiental que se prolongam e desafiam a capacidade do sujeito de se equilibrar emocionalmente. Efeitos patogênicos duradouros podem vir a fazer parte da configuração psíquica da pessoa.

A ocorrência de trauma está implícita no campo da adoção. Há desde seu início a experiência de separação da criança em relação a seus genitores, que na maioria das vezes se deu em um momento de vida bastante precoce. A marca do abandono e do desamparo pode estar gravada no psiquismo da criança como uma cicatriz indelével, ou até como uma ferida narcísica com dimensões dramáticas. Sua necessidade de sobrevivência pode levá-la a sobrepujar tais falhas ambientais desenvolvendo uma série de mecanismos defensivos que apresentam graus diversos, relativos à normalidade ou à patologia. A configuração psíquica da família adotiva, sua preparação para a adoção, a elaboração do luto pela infertilidade, sua estabilidade também são pontos importantes a serem considerados. Quando apresentam fendas importantes, podem também se constituir em situações traumáticas com peso emocional considerável (Levinzon, 1997; 1999; 2004).

É importante ressaltar que adoção não significa sofrimento. Pelo contrário, em condições adequadas proporciona, na maior parte do tempo, condições para uma vida mais plena. Em certos casos, no entanto, deparamo com situações de intenso sofrimento psíquico presentes, tanto no filho quanto nos pais adotivos, e que têm, em graus variados, um potencial patogênico a ser considerado (Levinzon, 2016).

***O violino de meu pai* – uma história de traumas e adoções**

De origem turca e dirigido por Andaç Haznedaroglu, o filme *O violino de meu pai* é bonito e tocante. Quem o vê fica envolvido desde o primeiro minuto. A música acompanha todos os acontecimentos e caracteriza as emoções presentes nos personagens. Trata-se da história de uma menina de 8 anos que fica órfã e de seu tio, órfão a seu modo, que nunca tinham tido contato anteriormente. As experiências de dor, luto, perda e abandono permeiam toda a trama, e desembocam num final grandioso, que coroa a possibilidade de superação dos traumas vividos.

Özlem vive com seu pai, um violinista, que canta na rua e em tavernas, sempre acompanhado de três amigos também músicos. Ela dança, canta junto com eles, e pede gorjeta a todos que estão em volta na praça, quando acaba a música. Todos fogem correndo quando a polícia chega, e essa é uma prática recorrente e até divertida para eles.

Num café à beira-mar com seu pai, este lhe pede que olhe para as pessoas e toca uma música que caracteriza cada uma delas. Ele diz: “Todo o mundo é uma melodia. Só precisa saber escutar”. De fato, ao longo do filme, vamos identificando a música que é característica de cada personagem.

O pai fala muito de um irmão, que está distante. Özlem lhe pergunta onde ele está, mas não tem resposta. “Como você pensa nessas perguntas difíceis agora de manhã?”. O pai tem cicatrizes pelo corpo. Questionado pela filha, diz que “Um vulcão entrou em erupção, e ele entrou no vulcão para salvar as pessoas”. Saberemos mais tarde que Ali Riza, o pai, e Mehmet, o irmão, tiveram uma infância muito difícil, que pode ser comparada a uma erupção vulcânica arrasadora, e que Ali agiu para salvar o irmão do fogo abrasante. Ele tosse com sangue, e percebemos que há algo grave com sua saúde. Um dos amigos lhe diz, ao ouvi-lo tocar seu violino: “Você vai partir nossos corações com sua música”. Aqui vemos a melodia que caracteriza Ali Riza, uma música triste, de alguém que está se despedindo da vida.

A primeira cena com o tio, Mehmet, se passa no ensaio de uma orquestra que ele está regendo. Uma violinista erra uma nota e se desculpa. Ele diz que ela não pode errar, se faz parte da orquestra. Ele reitera que estão ensaiando há semanas a mesma música. Ela justifica seu erro contando que está preocupada com o filho e o marido doentes, e Mehmet, de modo muito severo, lhe pergunta: “Eles são sua prioridade?”. Ela responde que sim, e ele pede que saia: “Aqui não é seu lugar”. Vemos em Mehmet uma pessoa com um rigor implacável, que põe as relações pessoais em segundo plano. Essa forma de funcionamento psíquico que se baseia em um distanciamento no relacionamento interpessoal caracteriza-o de forma contundente. Erros ou deslizes não são perdoados. A dimensão humana é atropelada pela busca de perfeição.

Em seguida a um concerto, de volta à Turquia, Mehmet é abordado por Ali Riza que o espera de lado. É a primeira vez que os irmãos se veem depois de muitos anos. O encontro parece perturbar muito Mehmet. Ali o parabeniza e mostra uma foto com os dois quando crianças, abraçados. Mehmet, com tom de raiva, diz que tinha a mesma foto e a rasgou. Devolve-a ao irmão. Ali diz que tentou falar com ele, mas... Mehmet interrompe: “Qual é sua desculpa?” Ali explica que não consegue nem sair de seu bairro, quanto mais ir à Itália. Mostra que está muito orgulhoso do irmão, que se tornou um grande violinista. A tentativa de aproximação não tem sucesso. Mehmet o trata de modo muito frio. “Por que veio aqui?” Ali lhe conta que tem uma filha de 8 anos, cuja sua mãe morreu no parto. “Ela brilha, como você quando era criança.” Nós, espectadores, somos então introduzidos a detalhes que justificam a mágoa de

Mehmet. Suas palavras são duras: “Espero que não a coloque em um barco e fuja também, então!” Ali retruca que não fugiu, mas não tem oportunidade de explicar-se. Mehmet continua: “Fugiu, Ali Riza, eu fiz tudo sozinho. Então não me venha falar de família anos depois!”

Ele se vira e está saindo do recinto, quando Ali lhe diz que está morrendo e se preocupa com Özlem. Ela só terá o tio quando ele se for... Visivelmente perturbado, Mehmet lhe diz “Para mim você morreu anos atrás. Não tenho irmão, nem sobrinha”, e vai embora.

A dor e o ressentimento pela separação sem explicação, ocorrida quando eram crianças, ficaram profundamente impregnados em Mehmet. O sentimento de abandono parece ter corroído sua capacidade de reparação. Tudo ficou estragado, para sempre... Quando conta para a esposa, Suna, o encontro com o irmão, citando a ela o nome dele pela primeira vez, com lágrimas nos olhos, diz: “Ele mudou muito. Só seus olhos não mudaram e suas feridas, creio eu. Ele me olhou como naquele dia, como quando me abandonou...” Tanto Ali como Mehmet apresentam cicatrizes de feridas pelo corpo. Mais tarde sabemos que elas são o resultado de agressões físicas violentas feitas pelo padrasto quando crianças. Vemos que as feridas não estão apenas no corpo. Elas estão marcadas no psiquismo dos dois irmãos, como traumas não elaborados, encapsulados em seus interiores.

Ali morre. No seu enterro, ouvimos suas palavras à filha:

Sempre que você respirar, eu também vou. Sempre que o vento soprar, vou acariciar seu cabelo. Sempre que chover, vou beijar sua bochecha. Sempre que você tocar o chão, vou segurar sua mão, e sempre que você tocar o violino, vou deitar a cabeça no seu ombro. Sempre ouvirei você... Sempre estarei ao seu lado...

Özlem perde o pai, mas ele estará vivo dentro dela. A relação próxima e afetiva que os dois tinham assegura sua sobrevivência simbólica, mesmo após a morte dele. Durante todo o resto do filme, ela se mantém acompanhada pelo violino do pai, esteja onde estiver. Ele funciona como um “objeto transicional”, como diz Winnicott (1959/1994). Normalmente esse tipo de objeto, como a chupeta ou a fraldinha, representa a mãe sem ser a mãe. É uma posseção da criança e auxilia o processo de gradativa separação em relação à mãe. O violino para Özlem representa o pai, que teve também função de mãe, visto que ela faleceu por ocasião do nascimento dela. A filha sente-se acompanhada por ele. Isso não ocorreu com Mehmet, que sentiu a distância do irmão como um buraco arrasador. Não foi possível mantê-lo dentro de si como um objeto

acolhedor, presente, vivo. Mais para a frente, no filme, saberemos que o pai dos dois irmãos morreu cedo, e que sua mãe se casou de novo. O padrasto maltratava-os cruelmente, e a mãe era alcoólatra. Ficava ausente, mergulhada em sua bebida, enquanto as agressões se sucediam. Segundo suas palavras: “Estávamos nas mãos de uma alcoólatra e um maníaco...” A “fenda na alma” já estava presente desde a morte do pai e foi se aprofundando cada vez mais, conforme o ambiente se mostrava ameaçador e sem proteção. Separar-se de Ali de forma traumática, sem explicação, incrementou em Mehmet o sentimento de orfandade. Masud Kahn (1977) fala em “traumas cumulativos”, referindo-se à sucessão de traumas que faz com que cada vez mais a pessoa se sinta danificada. Cada trauma potencializa o efeito catastrófico do anterior. Mehmet desenvolve mecanismos para lidar com a dor, mas eles o endurecem e o distanciam do contato mais próximo com as pessoas.

O serviço social leva Özlem para o orfanato. Os amigos de Ali procuram o tio. Querem que ele assuma a guarda da menina e que a deixe com eles: “Não somos estranhos, nós a conhecemos desde que nasceu. Ela é como uma filha”.

Mehmet mantém-se distante e impassível: “Não tenho tempo para isso, estou meio ocupado”. Ele nega-se a se envolver com a sobrinha. Mais tarde, diante do olhar de censura de sua esposa, diz: “não pode me julgar, Suna, nem conheço a menina”. Ela lhe responde: “é sua sobrinha”. E ele continua: “Não tenho uma sobrinha. O pai dela me abandonou há anos”. Ele prossegue: “Tenho um grande concerto em breve ... Ela ficará melhor num orfanato. Eles não cuidam nem de si mesmos. Como iremos cuidar de uma criança?”. É Suna quem consegue aproximar-se afetivamente da menina. Ela diz: “Existem coisas mais importantes que sua música. Uma garotinha está sozinha...”.

Quando está só, Mehmet abre uma gaveta e tira de dentro a foto com o irmão. Mentiu dizendo que a tinha rasgado. Chora. A foto que foi mantida mostra que, embora tenha querido arrancar de dentro de si o sentimento de afeto e falta pelo irmão, isso não aconteceu completamente. Do ponto de vista psicanalítico, poderíamos dizer que Mehmet lança mão de defesas maníacas, muito bem descritas por Melanie Klein (1952/1991), para amortecer e tentar afastar a dor pela perda e pelo abandono. Esse tipo de defesa caracteriza-se pela onipotência e pela negação da necessidade e da dependência do outro. Em vez de “tenho medo e sofro muito por te perder”, o pensamento consciente é “Não preciso de você. Não me faz falta. Basto-me sozinho”. Isso não elimina o sentimento de dependência e a dor profunda, apenas a mascara, às vezes de modo tão extenso, que o sujeito perde contato com uma parte

importante de si mesmo. Assim como Özlem, dentro de Mehmet também há um garotinho sozinho.

Sob influência das palavras de Suna, Mehmet resolve aceitar o arranjo com os amigos e pedir a guarda de Özlem. Fica sabendo, no entanto, que no prazo de até um mês receberá a visita de alguém do serviço social para verificar as condições de moradia da menina. Durante esse tempo, ela ficará na casa dele. Suna e Özlem se dão muito bem. Inicialmente a menina resiste ao contato, desconfiada. Afinal, desde a morte do pai já havia muita perturbação na sua vida. Esta não era uma adoção para a qual tinha sido preparada. Aliás, o intuito combinado não era a adoção pelo tio. Aos poucos, Özlem baixa sua guarda de proteção e arrisca-se no contato com a tia, que se revela muito prazeroso. O instinto materno de Suna manifesta-se, com afeto e cuidado. Mehmet e ela não conseguiram ter filhos. Para Özlem, é a oportunidade de ficar mais perto de uma mulher, uma presença materna. Mehmet mantém-se distante, severo, impassível. Resiste o quanto pode a uma aproximação com a sobrinha. Reclama do barulho de manhã, que perturba seu humor e atrapalha seu trabalho.

Ele entra em contato com a advogada, dizendo que quer devolver a menina. Mas, ao atender o telefonema da profissional, por acaso, Suna afirma a esta última que resolveram manter a guarda da sobrinha e pergunta o que devem fazer para isso. Para Suna, a adoção é bem-vinda e desejada. Mehmet, no entanto, mantém-se endurecido, distante o quanto pode da abertura de espaço para mais alguém em sua vida, especialmente a filha de seu irmão.

O cenário começa a mudar após uma discussão entre Suna e Mehmet. Ele está furioso: “Não ia falar da advogada? Escolheu falar nas minhas costas?” Ela lhe diz querer que a menina seja feliz, e ele retruca: “Não foi por ela, foi por você. Você é tão vazia por dentro e não sabe como preencher esse vazio. Não use a menina para isso”. Ele ressalta que ela deixa tudo de lado, seu piano, seus amigos, sua família e que ela cansará da menina do mesmo jeito. Suna diz que ele tem razão. Deixou tudo de lado para tornar-se a sombra dele. Mudou sua vida pela carreira dele. De fato, sente-se vazia. Diz: “Você já é autossuficiente sozinho. Não suporta mais ninguém além de você mesmo”. Ela sai e deixa a casa. Ela se dá conta do quanto é danoso estar num relacionamento pautado pela onipotência e dificuldade de olhar para o outro. Tornou-se refém desse tipo de funcionamento psíquico. Com a partida da mulher, inicia-se a fase de transformações em Mehmet. Ele tenta levar adiante sua vida e seus planos para a carreira. Quer tocar pela primeira vez uma composição própria em um concerto. Vemos que ela ainda não está pronta, vai sendo composta ao longo do filme.

Aos poucos as barreiras afetivas que separam Mehmet de Özlem vão diminuindo. Ele não tem com quem deixá-la e a leva consigo para seus compromissos. Numa reunião para falar de seu concerto, em que ela se faz presente com seu jeito irreverente, ele diz aos interlocutores: “Podemos fazer de conta que ela não está aí?” Mais para a frente, durante um ensaio, no qual a menina pede para tocar no palco, ele lhe diz: “Não há lugar para você”. Quando ela se envolve em uma briga com uma mendiga, que reclama por ela estar pedindo dinheiro aos transeuntes no espaço que considera seu, Mehmet intervém e diz à sobrinha: “Não pode bater nela. Por que precisa de dinheiro?” Ela lhe diz: “Eu estava com fome, queria comprar comida” (nas máquinas de alimentos do lugar onde ocorria o ensaio). Ele retruca: “Se tiver fome, me avise”. E ela responde: “Você nunca me escuta!” Ele fica pensativo. Vemos que seu sistema de defesas rígidas começa a balançar. A partida da esposa e o contato com a sobrinha, que agora é mais íntimo, abrem portas. Ele se mostra mais acolhedor e afetivo. Özlem está feliz por se aproximar dele. Sente-se mais segura.

Mehmet tenta trabalhar na elaboração de sua música, mas não consegue. Olha para a foto da esposa. Acaricia o rosto de Özlem, adormecida. Parece estar sofrendo. O contato com sua dor, no entanto, expande para ele caminhos novos: toca seu violino, e a música que tanto procurava surge como se estivesse saindo de um recipiente do qual se tivesse tirado a tampa. É uma música triste, mas que começa a poder ser expressa. Esse é o valor do contato consigo mesmo, a liberação de partes importantes de sua pessoa.

Özlem observa as cicatrizes em seu corpo e lembra-se das do pai, semelhantes: “Ele dizia que caiu de um vulcão, e você o salvou, e um avião bateu na cabeça dele. Vocês dois têm muitas cicatrizes”. Mehmet comenta: “Sabe de uma coisa? O avião também bateu em mim”. “Elas cicatrizam com o tempo, você nem sente mais.” Özlem pergunta: “Dói quando encosto nela?” E ele responde: “Não. Dói quando lembro...”

Na verdade, o enredo do filme tem como tema justamente traumas, feridas profundas que deixam cicatrizes, sentimentos de abandono e desamparo. A questão que se põe é como se pode lidar com a dor de modo que não se deixe de viver como um ser humano, sensível, vivo. A música de Mehmet vai, aos poucos, enchendo-se de emoção. Tendo podido contar com um ambiente acolhedor e seguro desde pequena, Özlem não desenvolveu resistência ao contato com o outro. Pelo contrário, é uma menina alegre, expansiva, curiosa, investigativa. Sua música é alegre, cheia de vivacidade.

Özlem e o tio vão visitar os amigos do pai na praça. Tocam com eles, fogem da polícia, divertem-se. A afetividade vai se ampliando. Mehmet, no

entanto, pretende entregar a menina ao serviço social. Diz a um dos músicos que não pode dar à menina a família que ela precisa: “Nem sei o que é ter uma família...” Eles também não têm condições de cuidar dela. Só que ele não tem coragem de entregá-la. Volta para casa com ela e no dia seguinte prepara, animado e carinhoso, ovos mexidos com bolinhos: “Eu fazia com seu pai, mas acho que enferrujei...” A menina acaba ouvindo uma ligação da assistente social, a qual pergunta por que ele não a deixou lá como combinado, e foge.

Mehmet fica desesperado. Acaba achando-a, por indicação de amigos, numa praça, onde ela está tocando violino. A música que ela toca é aquela que ele está compondo, a música dele. Ela lhe diz o que o pai falava sobre a melodia de cada pessoa. Ele lhe pergunta: “Essa era a sua melodia?” E ela responde: “Não, era a sua”. A muralha defensiva das emoções de dependência se rompe. Mehmet lhe diz: “Você me assustou. Não fuja de novo, tá?” Os dois se abraçam e choram. Vemos que Özlem tenta entender como é a melodia do tio, tão resistente ao elo afetivo. Sua capacidade de percebê-lo é acurada. A esperança de que ele venha resgatá-la é recompensada. Podemos pensar que a capacidade de ter esperança é sinônimo de vida, e torna-se potente quando a pessoa pôde contar com experiências boas ao longo da vida. Embora passando por momentos tão difíceis, ela é capaz de contar com uma melodia própria criativa, afetuosa.

Eles entram na casa em que Özlem vivia com o pai, onde também morava Mehmet antes de partir no barco. A história fica esclarecida. Para fugir da violência do padrasto, Ali prometeu que os dois irmãos partiriam num barco de emigrantes para a Itália, mas, na hora da saída, colocou Mehmet no barco e voltou para casa sozinho. Özlem esclarece a história: Ali só tinha conseguido economizar dinheiro para uma passagem. Escolheu salvar o irmão. A menina mostra ao tio uma caixa com um álbum de recortes que estava escondido debaixo do piso, contendo notícias do tio sobre seu sucesso. Ali o acompanhou em todos os momentos, de longe. Mehmet chora.

O ressentimento que nutriu por tantos anos estava baseado num engano. O que foi para ele abandono, na verdade, era um gesto nobre com a intenção de salvá-lo. Aqui poderíamos fazer um paralelo com as mães que entregam um filho para adoção. Não podendo criá-lo, atribuem a outras pessoas essa função, na esperança de dar à criança condições dignas de vida. Os adotados muitas vezes nutrem um sentimento de abandono e rejeição por isso, não tendo condições de entender que pode ter havido nessa atitude um ato de desprendimento e amor.

A seguir, podemos acompanhar as transformações importantes que acontecem em Mehmet. Ele busca Suna, e é capaz de assumir a necessidade

que sente dela: “Não fico bem sem você...” Reconhece também suas atitudes onipotentes e narcísicas: “Eu sou tão idiota... Não enxerguei ninguém além de mim. Estava cego demais até para ver você, Suna, sinto muito...” “Falhei na tentativa de nos tornarmos uma família. Quando criança, eu só tinha meu irmão para me apoiar. Uma família requer amor, cuidado, compromisso e sacrifício. A família é a composição mais linda, feita com notas diferentes.” É interessante constatar que a musicalidade presente nesse momento passa a ter emoções vívidas, beleza. As notas se diversificaram, não correspondem mais àquela rigidez da máscara de ferro defensiva. A Mehmet e Suna junta-se Özlem, trazendo consigo sua alegria de viver. Özlem é presenteada com uma família adotiva, pai e mãe que a desejam consigo.

Os preparativos para o concerto estão no fim. Suna vai se apresentar também ao piano. O casal está unido. Num ensaio final Özlem come um salgadinho que lhe provoca uma reação anafilática. Ela precisa ser internada. A assistente social acusa Mehmet de negligência com a menina e a impede de voltar à casa dele e mesmo de receber suas visitas. Ele fica desesperado. Promete-lhe que vai enfrentar o mundo todo por ela. Özlem, muito assustada, pergunta: “Vou morrer? Você vai morrer? Papai disse coisas parecidas antes de morrer...” Mais uma vez a vida lhe apresenta uma situação de separação brusca. O fantasma da orfandade ronda de novo. Vemos Özlem deprimida no orfanato.

Mas ela foge de lá justamente no dia do concerto do tio, que é avisado sobre isso minutos antes de sua apresentação. Ele não titubeia. Deixa tudo para procurar a sobrinha-filha. Nesse momento, a relação afetiva é prioridade. Ele deixa de lado até mesmo o momento tão esperado, tocar em público sua composição. Encontra-a na praça, tocando violino. Ela pergunta: “Por que você me abandonou? Fiquei com medo de você não voltar”. Ele responde, abraçando-a: “Nunca vou te abandonar”. O passado volta numa situação de impasse, pondo-os frente a frente, com a possibilidade de uma separação traumática. Nesse momento, no entanto, o desfecho é outro. Podem ficar juntos, enfrentando os dissabores.

Eles correm até o concerto e chegam no final da música de Mehmet, que está sendo tocada por outro violinista. Sobem ao palco e tocam juntos a música de Özlem, aquela que ela canta e dança na praça. Essa é a melodia que a caracteriza, viva, feliz. A plateia se levanta entusiasmada. Todos acompanham em pé a apresentação, ovacionando-a.

Podemos dizer que o final do filme coroa a possibilidade de uma adoção nos dois sentidos: Mehmet adota Özlem, que perdeu a mãe ao nascer e o pai que a criou. Ele lhe dá uma família, afeto e condições boas para viver. Ela, por

seu lado, adota o tio como pai, e consegue romper uma barreira poderosa que ele erigiu por muitos anos, a qual o distanciava de si mesmo e das pessoas.

Pensando na frase do pai de Özlem, “Todo o mundo é uma melodia, é só saber escutar”, ocorreu-me pensar que a psicanálise dedica-se a ouvir e ajudar a desenvolver a melodia própria de cada um. Na verdade, essa melodia pessoal é composta de uma série de vozes que se justapõem, às vezes escondem, atropelam ou camuflam umas às outras... Poder escutá-las e promover um espaço de integração é a tarefa do psicanalista.

Quando visitei Inhotim, o museu a céu aberto que fica em Brumadinho, Minas Gerais, chamou-me muito a atenção a instalação sonora com 40 canais denominada *Forty Part Motet* (2001), de Janet Cardiff. Num recinto amplo, foram reunidos oito conjuntos de cinco alto-falantes, cada um deles posicionado em um grande semicírculo. Cada um reproduz a voz de um membro do coro da catedral de Salisbury (Reino Unido), gravada por microfones individuais antes do início da música e durante sua execução. Ao percorrer a instalação, o espectador pode se aproximar e se afastar dos alto-falantes para ouvir as diferentes vozes, bem como perceber as diferentes combinações e harmonias entre elas. Pode-se ouvir o som da orquestra toda junta, seu resultado final, e aquele referente às diversas reproduções individuais de cada integrante. Penso que podemos dizer o mesmo com relação à melodia particular de cada sujeito. Quando chegamos mais perto, temos a oportunidade de identificar os diversos aspectos-sons que compõem o psiquismo de cada um.

Essa é a experiência que temos assistindo ao filme *O violino de meu pai*. É uma história bonita, sensível, com uma musicalidade contagiante, e permite que possamos identificar os diversos tons e timbres presentes nos personagens.

Referências

- Freud, S. (1980). Conferências introdutórias sobre psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (Vol. 15, pp. 89-104). Imago. (Trabalho original publicado em 1916)
- Khan, M. M. R. (1977). *Psicanálise: teoria, técnica e casos clínicos*. Francisco Alves.
- Klein, M. (1991). Algumas conclusões relativas à vida emocional do bebê. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Imago. (Trabalho original publicado em 1952)
- Levinzon, G. K. (1997). *A criança adotiva na clínica psicanalítica*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Levinzon, G. K. (1999). *A criança adotiva na psicoterapia psicanalítica*. Escuta.
- Levinzon, G. K. (2004). *Adoção*. Casa do Psicólogo.
- Levinzon, G. K. (2016). Adoção e sofrimento psíquico. *Revista Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, V. 18, n. 1.
- Moore, B. E. & Fine, B. D. (1992). *Termos e conceitos psicanalíticos*. Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1994). O destino do objeto transicional. In D. W. Winnicott e col., *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Artes Médicas Sul. (Trabalho original publicado em 1959)



Indian Lovers
Meg Harris Williams